

CADERNO DE QUESTÕES

TÉCNICO EM CONTABILIDADE

Cargo de Nível Médio

REALIZAÇÃO:



CÂMARA MUNICIPAL DE PETRÓPOLIS

CONCURSO PÚBLICO 2010



LÍNGUA PORTUGUESA

Leia o texto abaixo e responda às questões propostas.

A DOIDA

1 A doida habitava um chalé no centro do jardim maltratado. E a rua descia para o córrego, onde os meninos costumavam banhar-se. Era só aquele chalezinho, à esquerda, entre o barranco e um chão abandonado; à direita, o muro de um grande quintal. E na rua, tornada maior pelo silêncio, o burro pastava. Rua cheia de capim, pedras soltas, num declive áspero. Onde estava o fiscal, que não mandava capiná-la?

2 Os três garotos desceram manhã cedo, para o banho e a pega de passarinho. Só com essa intenção. Mas era bom passar pela casa da doida e provocá-la. As mães diziam o contrário: que era horroroso; poucos pecados seriam maiores. Dos doidos devemos ter piedade, porque eles não gozam dos benefícios com que nós, osãos, fomos aquinhoados. Não explicavam bem quais fossem esses benefícios, ou explicavam demais, e restava a impressão de que eram todos privilégios de gente adulta, como fazer visitas, receber cartas, entrar para irmandades. E isso não comovia ninguém. A loucura parecia antes erro do que miséria. E os três sentiam-se inclinados a lapidar a doida, isolada e agreste no seu jardim.

3 Como era mesmo a cara da doida, poucos poderiam dizê-lo. Não aparecia de frente e de corpo inteiro, como as outras pessoas, conversando na calma. Só o busto, recortado numa das janelas da frente, as mãos magras, ameaçando. Os cabelos, brancos e desgrehados. E a boca inflamada, soltando xingamentos, pragas, numa voz rouca. Eram palavras da Bíblia misturadas a termos populares, dos quais alguns pareciam escabrosos, e todos fortíssimos na sua cólera.

4 Sabia-se confusamente que a doida tinha sido moça igual às outras no seu tempo remoto (contava mais de sessenta anos, e loucura e idade, juntas, lhe lavravam o corpo). Corria, com variantes, a história de que fora noiva de um fazendeiro, e o casamento, uma festa estrondosa; mas na própria noite de núpcias o homem a repudiara, Deus sabe por que razão. O marido ergueu-se terrível e empurrou-a, no calor do bate-boca; ela rolou escada abaixo, foi quebrando ossos, arrebrandando-se. Os dois nunca mais se viram. Já outros contavam que o pai, não o marido, a expulsara, e esclareciam que certa manhã o velho sentira um amargo diferente no café, ele que tinha dinheiro grosso e estava custando a morrer - mas nos relatos antigos abusava-se de veneno. De qualquer modo, as pessoas grandes não contavam a história direito, e os meninos deformavam o conto. Repudiada por todos, ela se fechou naquele chalé do caminho do córrego, e acabou perdendo o juízo. Perdera antes todas as relações. Ninguém tinha ânimo de visitá-la. O padeiro mal jogava o pão na caixa de madeira, à entrada, e eclipsava-se. Diziam que nessa caixa uns primeiros generosos mandavam pôr, à noite, provisões e roupas, embora oficialmente a ruptura com a família se mantivesse inalterável. Às vezes uma preta velha arriscava-se a entrar, com seu cachimbo e sua paciência educada no cativoiro, e lá ficava dois ou três meses, cozinhando. Por fim a doida enxotava-a. E, afinal, empregada nenhuma queria servi-la. Ir viver com a doida, pedir a bênção à doida, jantar em casa da doida, passaram a ser, na cidade, expressões de castigo e símbolos de irrisão.

5 Vinte anos de tal existência, e a legenda está feita. Quarenta, e não há mudá-la. O sentimento de que a doida carregava uma culpa, que sua própria doidice era uma falta grave, uma coisa aberrante, instalou-se no espírito das crianças. E assim, gerações sucessivas de moleques passavam pela porta, fixavam cuidadosamente a vidraça e lascavam uma pedra. A princípio, como justa penalidade. Depois, por prazer. Finalmente, e já havia muito tempo, por hábito. Como a doida respondesse sempre furiosa, criara-se na mente infantil a idéia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso.

6 Em vão os pais censuravam tal procedimento. Quando meninos, os pais daqueles três tinham feito o mesmo, com relação à mesma doida, ou a outras. Pessoas sensíveis lamentavam o fato, sugeriam que se desse um jeito para internar a doida. Mas como? O hospício era longe, os parentes não se interessavam. E daí - explicava-se ao forasteiro que porventura estranhasse a situação - toda cidade tem seus doidos; quase que toda família os tem. Quando se tornam ferozes, são trancados no sótão; fora disto, circulam pacificamente pelas ruas, se querem fazê-lo, ou não, se preferem ficar em casa. E doido é quem Deus quis que ficasse doido... Respeitemos sua vontade. Não há remédio para loucura; nunca nenhum doido se curou, que a cidade soubesse; e a cidade sabe bastante, ao passo que livros mentem.

7 Os três verificaram que quase não dava mais gosto apedrejar a casa. As vidraças partidas não se recompunham mais. A pedra batia no caixilho ou ia aninhar-se lá dentro, para voltar com palavras iradas. Ainda haveria louça por destruir, espelho, vaso intacto? Em todo caso, o mais velho comandou, e os outros obedeceram na forma do sagrado costume. Pegaram calhaus lisos, de ferro, tomaram posição. Cada um jogaria por sua vez, com intervalos para observar o resultado. O chefe reservou-se um objetivo ambicioso: a chaminé.

8 O projétil bateu no canudo de folha-de-flandres enegrecido - blem - e veio espatifar uma telha, com estrondo. Um bem-te-vi assustado fugiu da mangueira próxima. A doida, porém, parecia não ter percebido a agressão, a casa não reagia. Então o do meio vibrou um golpe na primeira janela. Bam! Tinha atingido uma lata, e a onda de som propagou-se lá dentro; o menino sentiu-se recompensado. Esperaram um pouco, para ouvir os gritos. As paredes descascadas, sob as trepadeiras e a hera da grade, as janelas abertas e vazias, o jardim de cravo e mato, era tudo a mesma paz.

9 Aí o terceiro do grupo, em seus onze anos, sentiu-se cheio de coragem e resolveu invadir o jardim. Não só podia atirar mais de perto na outra janela, como até praticar outras e maiores façanhas. Os companheiros, desapontados com a falta do espetáculo cotidiano, não queriam segui-lo. E o chefe, fazendo valer sua autoridade, tinha pressa em chegar ao campo.

10 O garoto empurrou o portão: abriu-se. Então, não vivia trancado?... E ninguém ainda fizera a experiência. Era o primeiro a penetrar no jardim, e pisava firme, posto que cauteloso. Os amigos chamavam-no, impacientes. Mas entrar em terreno proibido é tão excitante que o apelo perdia toda a significação. Pisar um chão pela primeira vez; e chão inimigo. Curioso como o jardim se parecia com qualquer um; apenas era mais selvagem, e o melão-de-são-caetano se enredava entre as violetas, as roseiras pediam poda, o canteiro de cravinas afogava-se em erva. Lá estava, quentando sol, a mesma lagartixa de todos os jardins, cabecinha móbil e suspicaz. O menino pensou primeiro em matar a lagartixa e depois em atacar a janela. Chegou perto do animal, que correu. Na perseguição, foi parar rente do chalé, junto à cancelinha azul (tinha sido azul) que fechava a varanda da frente. Era um ponto que não se via da rua, coberto como estava pela massa de folhagem. A cancela apodrecera, o soalho da varanda tinha buracos, a parede, outrora pintada de rosa e azul, abria-se em reboco, e no chão uma farinha de calça denunciava o estrago das pedras, que a louca desistira de reparar.

11 A lagartixa salvara-se, metida em recantos só dela sabidos, e o garoto galgou os dois degraus, empurrou a cancela, entrou. Tinha a pedra na mão, mas já não era necessária; jogou-a fora. Tudo tão fácil, que até ia perdendo o senso da precaução. Recuou um pouco e olhou para a rua: os companheiros tinham sumido. Ou estavam mesmo com muita pressa, ou queriam ver até aonde iria a coragem dele, sozinho em casa da doida. Tomar café com a doida. Jantar em casa da doida. Mas onde estaria a doida?

12 A princípio não distinguiu bem, debruçado à janela, a matéria confusa, do interior. Os olhos estavam cheios de claridade, mas afinal se acomodaram, e viu a sala, completamente vazia e esburacada, com um corredorzinho no fundo, e no fundo do corredorzinho uma caçarola no chão, e a pedra que o companheiro jogara.

- 13 Passou a outra janela e viu o mesmo abandono, a mesma nudez. Mas aquele quarto dava para outro cômodo, com a porta cerrada. Atrás da porta devia pois estar a doida, que inexplicavelmente não se mexia, para enfrentar o inimigo. E o menino saltou o peitoril, pisou indagador no soalho gretado, que cedia.
- 14 A porta dos fundos cedeu igualmente à pressão leve, entreabrindo-se numa faixa estreita que mal dava passagem a um corpo magro.
- 15 No outro cômodo a penumbra era mais espessa e parecia muito povoada. Difícil identificar imediatamente as formas que ali se acumulavam. O tacto descobriu uma coisa redonda e lisa, a curva de uma cantoneira. O fio de luz coado do jardim acusou a presença de vidros e espelhos. Seguramente cadeiras. Sobre uma mesa grande pairavam um amplo guarda-comida, uma mesinha de toailete mais algumas cadeiras empilhadas, um abajur de renda e várias caixas de papelão. Encostado à mesa, um piano também soterrado sob a pilha de embrulhos e caixas. Seguiu-se um guarda-roupa de proporções majestosas, tendo ao alto dois quadros virados para a parede, um baú e mais pacotes. Junto à única janela, olhando para o morro, e tapando pela metade a cortina que a obscurecia, outro armário. Os móveis enganchavam-se uns nos outros, subiam ao teto. A casa tinha se espremido ali, fugindo à perseguição de quarenta anos.
- 16 O menino foi abrindo caminho entre pernas e braços de móveis, contorna aqui, esbarra mais adiante. O quarto era pequeno e cabia tanta coisa.
- 17 Atrás da massa do piano, encurralada a um canto, estava a cama. E nela, busto soerguido, a doida esticava o rosto para a frente, na investigação do rumor insólito.
- 18 Não adiantava ao menino querer fugir ou esconder-se. E ele estava determinado a conhecer tudo daquela casa. De resto, a doida não deu nenhum sinal de guerra. Apenas levantou as mãos à altura dos olhos, como para protegê-los de uma pedrada.
- 19 Ele encarava-a, com interesse. Era simplesmente uma velha, jogada num catre preto de solteiro, atrás de uma barricada de móveis. E que pequeninha! O corpo sob a coberta; formava uma elevação minúscula. Miúda, escura, desse sujo que o tempo deposita na pele, manchando-a. E parecia ter medo.
- 20 Mas os dedos desceram um pouco, e os pequenos olhos amarelados encararam por sua vez o intruso com atenção voraz, desceram às suas mãos vazias, tornaram a subir ao rosto infantil.
- 21 A criança sorriu, de desaponto, sem saber o que fizesse.
- 22 Então a doida ergueu-se um pouco mais, firmando-se nos cotovelos. A boca remexeu, deixou passar um som vago e tímido.
- 23 Como a criança não se movesse, o som indistinto se esboçou outra vez.
- 24 Ele teve a impressão de que não era xingamento, parecia antes um chamado. Sentiu-se atraído para a doida, e todo desejo de maltratá-la se dissipou. Era um apelo, sim, e os dedos, movendo-se canhestamente, o confirmavam.
- 25 O menino aproximou-se, e o mesmo jeito da boca insistia em soltar a mesma palavra curta, que entretanto não tomava forma. Ou seria um bater automático de queixo, produzindo um som sem qualquer significação?
- 26 Talvez pedisse água. A moringa estava no criado-mudo, entre vidros e papéis. Ele encheu o copo pela metade, estendeu-o. A doida parecia aprovar com a cabeça, e suas mãos queriam segurar sozinhas, mas foi preciso que o menino a ajudasse a beber.
- 27 Fazia tudo naturalmente, e nem se lembrava mais por que entrara ali, nem conservava qualquer espécie de aversão pela doida. A própria ideia de doida desaparecera. Havia no quarto uma velha com sede, e que talvez estivesse morrendo.

- 28 Nunca vira ninguém morrer, os pais o afastavam se havia em casa um agonizante. Mas deve ser assim que as pessoas morrem.
- 29 Um sentimento de responsabilidade apoderou-se dele. Desajeitadamente, procurou fazer com que a cabeça repousasse sobre o travesseiro. Os músculos rígidos da mulher não o ajudavam. Teve que abraçar-lhe os ombros - com repugnância - e conseguiu, afinal deitá-la em posição suave.
- 30 Mas a boca deixava passar ainda o mesmo ruído obscuro, que fazia crescer as veias do pescoço, inutilmente. Água não podia ser, talvez remédio...
- 31 Passou-lhe um a um, diante dos olhos, os frasquinhos do criado-mudo. Sem receber qualquer sinal de aquiescência. Ficou perplexo, irresoluto. Seria caso talvez de chamar alguém, avisar o farmacêutico mais próximo, ou ir à procura do médico, que morava longe. Mas hesitava em deixar a mulher sozinha na casa aberta e exposta a pedradas. E tinha medo de que ela morresse em completo abandono, como ninguém no mundo deve morrer, e isso ele sabia não apenas porque sua mãe o repetisse sempre, senão também porque muitas vezes, acordando no escuro, ficara gelado por não sentir o calor do corpo do irmão e seu bafo protetor.
- 32 Foi tropeçando nos móveis, arrastou com esforço o pesado armário da janela, desembaraçou a cortina, e a luz invadiu o depósito onde a mulher morria. Com o ar fino veio uma decisão. Não deixaria a mulher para chamar ninguém. Sabia que não poderia fazer nada para ajudá-la, a não ser sentar-se à beira da cama, pegar-lhe nas mãos e esperar o que ia acontecer.

(ANDRADE, C. Drummond. *Contos de aprendiz*. 17 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, p. 30-36.)

1. O texto narrativo caracteriza-se por seu caráter temporal – ações que se sucedem no tempo – e pelas transformações por que passam os personagens. Considerando-se um dos personagens principais do texto de Drummond, o menino, pode-se afirmar que a transformação pela qual passou pode ser definida como:
 - A) da ignorância ingênua para a consciência solidária;
 - B) da sordidez estúpida para a seriedade ética;
 - C) da agressividade gratuita para a lucidez espirituosa;
 - D) da infantilidade espontânea para o conhecimento científico;
 - E) da inconsequência pueril para a cidadania lúcida.
2. Abaixo foram transcritas frases do texto cuja compreensão exige leitura mais atenta, em razão do vocabulário ou do contexto em que ocorrem. Das interpretações feitas à frente de cada frase, NÃO corresponde ao sentido do texto a seguinte:
 - A) “E os três sentiam-se inclinados a lapidar a doida, isolada e agreste no seu jardim” (2º parágrafo) / E os três sentiam-se propensos a apedrejar a doida, afastada e rústica no seu jardim.
 - B) “Eram palavras da Bíblia misturadas a termos populares, dos quais alguns pareciam escabrosos, e todos fortíssimos na sua cólera” (3º parágrafo) / Eram termos bíblicos combinados a expressões populares, dos quais alguns pareciam obscenos, e todos muito agressivos na sua ira.
 - C) “No outro cômodo a penumbra era mais espessa e parecia muito povoada” (15º parágrafo) / No outro cômodo a penumbra era mais fechada e parecia muito cheia.
 - D) “E nela, busto soerguido, a doida esticava o rosto para a frente, na investigação do rumor insólito” (parágrafo 17) / E nela, seios levantados, a doida esticava o rosto para frente na apuração do barulho que a incomodava.
 - E) “Ficou perplexo, irresoluto.” (31º parágrafo) / Ficou indeciso, inseguro.

3. A frase “Como a doida respondesse sempre furiosa, criara-se na mente infantil a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso” (5º parágrafo) foi redigida abaixo de cinco formas diferentes. Das cinco formas, aquela em que se alterou o sentido original é:
- A) Criara-se na mente infantil a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso, em consequência de a doida responder sempre de forma furiosa.
 - B) A despeito de a doida responder sempre furiosa, criara-se na mente infantil a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso.
 - C) Criara-se na mente infantil a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso, porquanto a doida respondesse sempre furiosa.
 - D) Respondendo a doida sempre de forma furiosa, criara-se na mente infantil a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso.
 - E) Criara-se na mente infantil a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso, porque a doida respondia sempre furiosa.
4. Das alterações feitas abaixo na redação do período “Era o primeiro a penetrar no jardim, e pisava firme, posto que cauteloso” (10º parágrafo), aquela em que o período foi semanticamente modificado é:
- A) Era o primeiro a penetrar no jardim, e pisava firme, se bem que estivesse cauteloso.
 - B) Era o primeiro a penetrar no jardim, e pisava firme, apesar de estar cauteloso.
 - C) Era o primeiro a penetrar no jardim, e pisava firme, porque estava cauteloso.
 - D) Era o primeiro a penetrar no jardim, e pisava firme, conquanto estivesse cauteloso.
 - E) Era o primeiro a penetrar no jardim, e pisava firme, embora cauteloso.
5. Para que se mantenha o sentido original do texto, a frase “Não só podia atirar mais de perto na outra janela, como até praticar outras e maiores façanhas” (9º parágrafo) pode ser reescrita de todas as formas abaixo, EXCETO da forma:
- A) Podia atirar mais de perto na outra janela, tanto quanto até praticar outras e maiores façanhas.
 - B) Não apenas podia atirar mais de perto na outra janela, mas também até praticar outras e maiores façanhas.
 - C) Podia atirar mais de perto na outra janela e até praticar outras e maiores façanhas.
 - D) Podia atirar mais de perto na outra janela, além de até praticar outras e maiores façanhas.
 - E) Não apenas podia atirar mais de perto na outra janela, a ponto de até praticar outras e maiores façanhas.
6. A flexão do verbo PÔR e seus derivados obedece a um padrão irregular, como se pode observar no trecho “As vidraças partidas não se RECOMPUNHAM mais” (7º parágrafo). Considerando-se essa flexão, pode-se afirmar que está INCORRETA a seguinte frase:
- A) Se o menino antepor o senso de solidariedade ao de agressividade, talvez a doida não sofra tanto.
 - B) Após cometerem o pecado da agressão, os meninos predisuseram-se a ajudar a doida.
 - C) Foi necessário que os meninos dispusessem melhor os móveis da casa, antes de socorrer a doida.
 - D) Quando todos repuserem a consideração que nunca deveriam ter negado à doida, talvez a justiça seja feita.
 - E) Se fosse solicitado, os meninos certamente deporiam a favor da doida, para que seu isolamento chegasse ao fim.
7. Na frase “Os amigos chamavam-no, impacientes” (10º parágrafo) a forma e a colocação do pronome estão em conformidade com o padrão culto da língua. Das cinco frases abaixo, de acordo com esse mesmo padrão, é considerada INCORRETA a seguinte:
- A) Os meninos queriam apedrejar a casa, mas queriam fazê-lo irritando a doida.
 - B) A pedra, o menino tinha lançado-a contra a única vidraça ainda inteira.
 - C) Vendo o estado da doida e querendo socorrê-la, o menino pensou em várias hipóteses.
 - D) Para dar-lhe um pouco d’água, o menino teve de erguê-la da cama.
 - E) Preocupava-o o estado de fraqueza em que a doida se encontrava.
8. O trecho “Atrás da porta devia pois estar a doida,” (13º parágrafo), segundo as normas de pontuação, poderia ser redigido da forma “Atrás da porta devia, pois, estar a doida,” pelo fato de a conjunção estar intercalada à locução verbal. Dos trechos abaixo transcritos do texto, aquele em que o acréscimo, a supressão ou modificação do sinal de pontuação contraria norma de pontuação é:
- A) “E a rua descia para o córrego, onde os meninos costumavam banhar-se.” (1º parágrafo) / E a rua descia para o córrego onde os meninos costumavam banhar-se.
 - B) “Tinha a pedra na mão, mas já não era necessária; jogou-a fora.” (11º parágrafo) / Tinha a pedra na mão, mas já não era necessária. Jogou-a fora.
 - C) “O tacto descobriu uma coisa redonda e lisa, a curva de uma cantoneira.” (15º parágrafo) / O tacto descobriu uma coisa redonda e lisa: a curva de uma cantoneira.
 - D) “e o mesmo jeito da boca insistia em soltar a mesma palavra curta, que entretanto não tomava forma.” (25º parágrafo) / e o mesmo jeito da boca insistia em soltar a mesma palavra curta, que, entretanto, não tomava forma.
 - E) “Mas hesitava em deixar a mulher sozinha na casa aberta” (31º parágrafo) / Mas hesitava, em deixar a mulher sozinha na casa aberta
9. Considerando-se a grafia do termo em caixa alta na frase “Fazia tudo naturalmente, e nem se lembrava mais POR QUE entrara ali” (parágrafo 27) e ainda as quatro formas distintas de grafia desse termo, pode-se afirmar que está INCORRETA, de acordo com a norma culta da língua, a frase:
- A) A doida não entendia o porquê de tanta agressividade contra ela.
 - B) Os meninos apedrejavam a casa da doida porque era uma tradição que passava de pais para filhos.
 - C) A doida não entendia a razão porque era vítima da tanta discriminação por parte dos adultos e das crianças.
 - D) As crianças apedrejavam a casa da doida, mas não sabiam por quê.
 - E) Se soubessem por que a doida os xingava quando agredida, as crianças não mais lhe apedrejariam a casa.
10. Considere a possibilidade de a doida ter reagido à invasão da própria casa, agredindo o menino invasor, e ainda a possibilidade de o pai desse menino ter encaminhado carta às autoridades municipais, solicitando providências contra a agressora. Se a referida carta foi encaminhada ao Delegado de Polícia, ao Presidente da Câmara dos Vereadores e ao Juiz de Direito, as formas de tratamento a serem usadas, de acordo com as normas do “Manual de Redação da Presidência da República”, são, respectivamente:
- A) Vossa Excelência, Vossa Magnificência e Vossa Excelência;
 - B) Vossa Excelência, Vossa Senhoria e Vossa Eminência;
 - C) Vossa Senhoria, Vossa Excelência e Vossa Senhoria;
 - D) Vossa Senhoria, Vossa Excelência e Vossa Excelência;
 - E) Vossa Eminência, Vossa Senhoria e Vossa Magnificência.

RACIOCÍNIO LÓGICO

11. Dentre as idades de Júlio, Maria e Vera existe uma que é a soma das outras duas. Júlio tem 75 anos, Maria tem 70 anos e as idades que ultrapassem 140 anos ou que sejam expressas em números negativos são consideradas incomuns. Nestas condições pode-se concluir que:
- A) qualquer que seja a idade de Vera, Júlio não é o mais velho;
 - B) qualquer que seja a idade de Vera, Maria é a mais nova;
 - C) não existe uma idade comum para Vera;
 - D) não existe uma idade incomum para Vera;
 - E) existe uma idade comum para Vera.
12. Pedro contribuiu com \$200 e Róbson com \$300 para comprar o material necessário ao conserto de um telhado. A compra custou \$463 e eles dividiram o troco de maneira que cada um recebeu um valor proporcional à divisão de sua contribuição pela quantia total obtida pelas contribuições. Pode-se concluir que o troco foi dividido da seguinte forma:
- A) o problema está mal formulado;
 - B) Pedro recebeu \$14,80 de troco e Róbson \$22,20;
 - C) Pedro recebeu \$14,20 de troco e Róbson 22,80;
 - D) Pedro recebeu \$14 de troco e Róbson \$23;
 - E) Pedro recebeu \$15 de troco e Róbson \$22.
13. Em uma pista de caminhada entre pontos diferentes A e B havia placas em que uma das faces informava a distância de A até a placa. A face oposta informava a distância de B até a placa. Pedro fez uma caminhada de 6.000 metros, no sentido de A para B. Sabendo-se que a caminhada iniciou na placa distante 8.000 metros de B e terminou na placa distante 10.000 metros de A, pode-se concluir que:
- A) a pista mede 12.000 metros;
 - B) a pista mede 18.000 metros;
 - C) não é possível calcular o comprimento da pista;
 - D) o início da caminhada foi em A;
 - E) o fim da caminhada foi em B.
14. Examinado o gabarito de uma prova que fizera, um candidato calculou sua nota em 77,7 com uma margem de erro. Como a nota mínima de aprovação era 75, o candidato ficou incerto quanto à aprovação. Dentre as opções abaixo, pode-se concluir que a margem de erro era de:
- A) 1,5 ponto;
 - B) 2,5 pontos;
 - C) 3,5 pontos;
 - D) 0,5 ponto;
 - E) 2,0 pontos.
15. Cada um dos 42 passageiros de um ônibus é flamenguista ou está voltando para casa. Como 22 passageiros são flamenguistas e 16 passageiros estão voltando para casa, pode-se concluir que:
- A) há exatamente 6 flamenguistas voltando para casa;
 - B) há mais que 7 e menos que 10 flamenguistas voltando para casa;
 - C) há exatamente 12 flamenguistas voltando para casa;
 - D) o problema está mal formulado;
 - E) há no máximo 15 flamenguistas voltando para casa.

LEI ORGÂNICA MUNICIPAL E REGIMENTO INTERNO DA CÂMARA

16. O processo legislativo municipal compreende a elaboração de:
- A) emendas à Lei Orgânica Municipal, leis básicas, leis, resoluções e decretos legislativos;
 - B) emendas à Lei Orgânica Municipal, leis orgânicas, leis, leis delegadas, resoluções e decretos legislativos;
 - C) emendas à Lei Orgânica, leis orgânicas, Regimento Interno da Câmara, leis, leis complementares, decretos e resoluções legislativas;
 - D) Regimento Interno da Câmara, leis orgânicas, leis básicas, emendas à Lei Orgânica, resoluções, exposições e decretos legislativos;
 - E) Regimento Interno da Câmara, Emendas à Lei Orgânica, leis básicas e decretos e resoluções legislativas.
17. São crimes de responsabilidade, entre outros, os atos do vereador que atente contra:
- A) a lei orçamentária e o decoro parlamentar;
 - B) os serviços e os servidores públicos;
 - C) a independência dos poderes e os serviços públicos;
 - D) a probidade na administração e a lei orçamentária;
 - E) a conduta parlamentar devida e as finanças públicas.
18. Consideram-se leis básicas municipais, entre outras:
- A) o Código de Obras e a Lei Orgânica do Município;
 - B) a Lei Orgânica do Município e o Plano Diretor do Município;
 - C) o Código Tributário do Município e a Lei da Educação;
 - D) a Lei Orgânica do Município e a Lei da Educação;
 - E) o Regimento interno do Município e o Plano Diretor do Município.
19. Ordem dos regimes de tramitação das proposições na Câmara Municipal:
- A) matéria em tramitação urgente, matéria em tramitação prioritária, matéria em tramitação especial, recursos e matéria em tramitação ordinária;
 - B) matéria em tramitação prioritária, matéria em tramitação urgente, matéria em tramitação especial, matéria em tramitação ordinária e recursos;
 - C) matéria em tramitação especial, matéria em tramitação urgente, matéria em tramitação prioritária, recursos e matéria em tramitação ordinária;
 - D) matéria em tramitação prioritária, matéria em tramitação especial, matéria em tramitação urgente, matéria em tramitação ordinária e recursos;
 - E) matéria em tramitação urgente, matéria em tramitação especial, matéria em tramitação prioritária, matéria em tramitação ordinária e recursos.
20. Proposição que tem por fim regular as matérias de competência do Município, sujeitas à deliberação dos Vereadores e à sanção do Prefeito Municipal:
- A) Projeto de Resolução;
 - B) Projeto de Lei;
 - C) Projeto de Lei Básica;
 - D) Substitutivo;
 - E) Parecer.

CONHECIMENTOS DE INFORMÁTICA

21. São programas que residem a maior parte do tempo em memória ROM nos microcomputadores:
- A) POST e BIOS;
 - B) DOS e POST;
 - C) SETUP e Linux;
 - D) Linux e Windows;
 - E) BIOS e Windows.
22. São programas do grupo acessórios do Windows XP os abaixo relacionados, **EXCETO**:
- A) Calculadora;
 - B) Paint;
 - C) Bloco de notas;
 - D) Prompt de comando;
 - E) Opções regionais de idioma.
23. É uma extensão padrão (default) dos arquivos trabalhados no bloco de notas do Windows XP quando salvos pelos seus usuários:
- A) doc;
 - B) rtf;
 - C) txt;
 - D) pif;
 - E) dat.
24. São atributos utilizados nos arquivos pelo Windows XP:
- A) somente leitura, criptografado e arquivo morto;
 - B) criptografado, oculto e somente leitura;
 - C) hash, arquivo morto e criptografado;
 - D) arquivo morto, oculto e somente leitura;
 - E) compartilhado, backup e oculto.
25. No Windows XP, quando os aplicativos estão “travados”, ou seja, não respondem a nenhum comando, utiliza-se um utilitário para finalizar o aplicativo que se encontra com problemas. Esse utilitário é conhecido como:
- A) bitlocker;
 - B) clipboard;
 - C) gadget;
 - D) hyper terminal;
 - E) gerenciador de tarefas.
26. No MS Word 2003, a barra que contém os botões de dimensionamento da janela e o botão fechar é conhecida como barra de:
- A) menus;
 - B) título;
 - C) ferramentas padrão;
 - D) rolagem;
 - E) status.
27. São efeitos do texto na formatação da fonte de documentos no MS Word 2003 os abaixo relacionados, **EXCETO**:
- A) deslocamento;
 - B) contorno;
 - C) sombra;
 - D) oculto;
 - E) relevo.
28. No MS Word 2003, os modelos possuem uma estrutura básica, formada por estilos e macros, em que o usuário necessita inserir poucos dados para que ele automaticamente formate o documento. Nesse contexto, as alterações realizadas no modelo ficam armazenadas em um arquivo denominado:
- A) modelo.dat;
 - B) normal. dot;
 - C) macro.dot;
 - D) normal.dat;
 - E) estilo.dat.
29. São menus contidos na barra de menus do MS Excel 2003 os abaixo relacionados, **EXCETO**:
- A) formatar;
 - B) ferramentas;
 - C) tabela;
 - D) dados;
 - E) janela.
30. No MS PowerPoint 2003, o slide onde todas as características (fontes, estilos, animações, etc.) são herdadas pelos demais slides da apresentação é conhecido como:
- A) favorito;
 - B) filho;
 - C) espelho;
 - D) mestre;
 - E) coringa.

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

31. As aplicações financeiras de curto prazo, de alta liquidez, que são prontamente conversíveis em um montante conhecido de caixa e que estão sujeitas a um insignificante risco de mudança de valor, são denominadas:
- A) equivalentes de caixa;
 - B) de liquidez imediata;
 - C) estáveis;
 - D) bancos conta movimento;
 - E) correntes.
32. A alocação sistemática do valor depreciável de um ativo ao longo da sua vida útil é denominada:
- A) inclusão;
 - B) provisão;
 - C) valorização;
 - D) depreciação;
 - E) apuração.
33. O fato de as receitas e despesas serem consideradas em função de seu fato gerador e não em função do recebimento da receita ou do pagamento da despesa, em dinheiro, caracteriza o:
- A) regime de caixa;
 - B) regime de competência de exercício;
 - C) modelo de relevância;
 - D) princípio da ocorrência;
 - E) postulado da competência.
34. Nas operações com mercadorias, a diferença total entre as receitas obtidas pelas vendas e o custo dessas mercadorias que foram vendidas é denominada:
- A) resultado contábil;
 - B) lucro operacional;
 - C) resultado líquido das vendas;
 - D) CMV;
 - E) resultado bruto com mercadorias.
35. A lei 11.638/07 trouxe significativas mudanças, dentre elas a criação do grupo de contas denominado ativo não circulante, do qual integra o realizável a longo prazo. Após o realizável a longo prazo, existe um grupo de contas sintético que representa as aplicações que nada têm a ver com a atividade da empresa, tais como terrenos para futura expansão. Este grupo é denominado:
- A) permanente;
 - B) imobilizado;
 - C) investimentos;
 - D) impalpável;
 - E) fixos.
36. O orçamento da seguridade social, abrangendo todas as entidades e órgãos a ela vinculados, é parte integrante do(a):
- A) Regime Jurídico Único;
 - B) Lei de Responsabilidade Fiscal;
 - C) Lei de Diretrizes Orçamentárias;
 - D) Lei Orgânica de Assistência Social;
 - E) Lei Orçamentária Anual.
37. O princípio orçamentário que exige que as receitas e despesas apareçam no orçamento de forma discriminada, de forma que se possa saber a origem dos recursos e sua aplicação, denomina-se princípio do(a):
- A) especialização;
 - B) orçamento bruto;
 - C) exclusividade;
 - D) não afetação de receitas;
 - E) equilíbrio.
38. A classificação orçamentária que provavelmente é a mais antiga tipologia de despesas, cuja finalidade é evidenciar as unidades administrativas responsáveis pela execução da despesa, e que também é conhecida por departamental, denomina-se:
- A) ministerial;
 - B) programática;
 - C) funcional;
 - D) institucional;
 - E) organizacional.
39. O ato administrativo que o Poder Executivo utiliza, visando a identificar e individualizar o contribuinte ou o devedor e os respectivos valores, espécies e vencimentos, denomina-se:
- A) auto de infração;
 - B) apontamento;
 - C) lançamento;
 - D) inclusão em dívida ativa;
 - E) fixação.
40. Na contabilidade pública, a demonstração da receita e despesas orçamentárias, bem como os recebimentos e os pagamentos extraorçamentários, conjugados com os saldos financeiros provenientes do exercício anterior e os que se transferem para o exercício seguinte, integra o:
- A) movimento de exercícios anteriores;
 - B) balanço orçamentário;
 - C) demonstrativo extraorçamentário;
 - D) balanço financeiro;
 - E) balancete de encargos a pagar.
41. Na contabilidade pública, as despesas executadas por conta do orçamento do ano corrente e que, por algum motivo ou circunstância, serão pagas no ano seguinte, são denominadas:
- A) despesas suplementares;
 - B) despesas de exercícios anteriores;
 - C) despesas diferidas;
 - D) despesas extraordinárias;
 - E) restos a pagar.
42. A receita arrecadada que possui uma destinação específica, estabelecida pela legislação vigente, é denominada:
- A) destinada;
 - B) vinculada;
 - C) direcionada;
 - D) orientada;
 - E) ordinária.

43. Os recursos arrecadados para suprir o orçamento do órgão ou entidade, proveniente da venda de bens permanentes ou da constituição de dívidas, constituem receitas:
- A) de capital;
 - B) derivadas;
 - C) correntes;
 - D) patrimoniais;
 - E) mobiliárias.
44. Os créditos destinados a atender a despesas urgentes e imprevistas, em caso de guerra ou calamidade pública, devendo ser abertos por decreto do Poder Executivo, que deles dará imediato conhecimento ao Poder Legislativo, denominam-se:
- A) excepcionais;
 - B) especiais;
 - C) colaterais;
 - D) extraordinários;
 - E) suplementares.
45. O instrumento de execução ao qual pode recorrer o ordenador de despesas para, através de servidor subordinado, realizar despesas que, a critério da administração e consideradas as limitações previstas em lei, não possam ou não devam ser realizadas por via bancária, denomina-se:
- A) cheque nominal a servidor;
 - B) dotação de execução imediata;
 - C) suprimento de fundos;
 - D) caixa baixa da entidade;
 - E) despesas miúdas de pronto pagamento.
46. O lucro para um período, determinado de acordo com as regras estabelecidas pelas autoridades tributárias, sobre o qual os tributos sobre o lucro são devidos, denomina-se:
- A) tributável;
 - B) fiscal;
 - C) diferido;
 - D) apurado;
 - E) lançado.
47. A entidade na qual a controladora, diretamente ou por meio de outras sociedades, é titular de direitos de sócio que lhe assegurem, de modo permanente, preponderância nas deliberações sociais e o poder de eleger a maioria dos administradores é denominada:
- A) coligada;
 - B) preponderante;
 - C) minoritária;
 - D) majoritária;
 - E) controlada.
48. Dentre os preceitos básicos e imutáveis da doutrina contábil, aquele que reconhece o patrimônio como objeto da contabilidade e afirma a autonomia patrimonial é denominado:
- A) convenção da entidade;
 - B) convenção da materialidade;
 - C) princípio da entidade;
 - D) princípio da oportunidade;
 - E) princípio da materialidade.
49. A norma de caráter prático na contabilidade, que deve ser observada como guia, que sugere que as despesas, mesmo duvidosas, devem ser lançadas, ao passo que as receitas, quando duvidosas, não devem ser lançadas, denomina-se:
- A) convenção da precaução;
 - B) princípio do conservadorismo;
 - C) princípio da precaução;
 - D) convenção do conservadorismo;
 - E) convenção da materialidade.
50. A riqueza criada pela empresa, de forma geral medida pela diferença entre o valor das vendas e os insumos adquiridos de terceiros, denomina-se:
- A) margem de contribuição líquida;
 - B) valor adicionado;
 - C) valor presente;
 - D) valor intrínseco;
 - E) resultado bruto.

--	--

CÂMARA MUNICIPAL DE PETRÓPOLIS

- O Caderno de Questões contém **50 (cinquenta)** questões de múltipla-escolha, cada uma com 5 (cinco) alternativas (A, B, C, D, E), organizadas da seguinte forma:
 - de 01 a 10 - Língua Portuguesa;
 - de 11 a 15 - Raciocínio Lógico;
 - de 16 a 20 - Lei Orgânica Municipal e Regimento Interno da Câmara;
 - de 21 a 30 - Conhecimentos de Informática;
 - de 31 a 50 - Conhecimentos Específicos.
- Ao receber o material para fazer a prova, verifique imediatamente, na Folha de Respostas, seu nome, número de inscrição, identidade e data de nascimento. Qualquer irregularidade comunique rapidamente ao Fiscal de Sala. Não serão aceitas reclamações posteriores.
- A prova objetiva terá **duração de 4 horas**, neste tempo incluído o preenchimento da Folha de Respostas.
- Leia atentamente cada questão e assinale na Folha de Respostas a alternativa que responde corretamente a cada uma delas. A Folha de Respostas será o único documento válido para a correção eletrônica. O preenchimento da Folha de Respostas e sua respectiva assinatura serão de inteira responsabilidade do candidato. Não haverá substituição da Folha de Respostas por erro do candidato.
- Observe as seguintes recomendações relativas à Folha de Respostas:
 - A maneira correta de marcação das respostas é cobrir, fortemente, com esferográfica de tinta azul ou preta, o espaço correspondente à letra a ser assinalada;
 - Outras formas de marcação diferentes da que foi determinada acima implicarão a rejeição da Folha de Respostas. Será atribuída nota zero às questões:
 - não assinaladas;
 - com falta de nitidez;
 - com mais de uma alternativa assinalada;
 - emendadas, rasuradas ou com marcação incorreta.
- O Fiscal de Sala não está autorizado a alterar qualquer destas instruções. Em caso de dúvida solicite a presença do coordenador local.
- Você só poderá retirar-se definitivamente do recinto de realização das provas após 60 (sessenta) minutos contados do seu efetivo início.
- Por motivo de segurança, só é permitido fazer anotações durante a prova no Caderno de Questões.
- Após identificado e instalado na sala, você não poderá consultar qualquer material, enquanto aguarda o horário de início das provas.
- Os três últimos candidatos deverão permanecer na sala até que o último candidato termine a prova.
- Ao terminar a prova, entregue a Folha de Respostas e o Caderno de Questões ao Fiscal de Sala.
- Não esqueça seu documento de identidade.

Boa Prova!

ESPAÇO PARA MARCAÇÃO DE SUAS RESPOSTAS

1		6		11		16		21		26		31		36		41		46	
2		7		12		17		22		27		32		37		42		46	
3		8		13		18		23		28		33		38		43		48	
4		9		14		19		24		29		34		39		44		49	
5		10		15		20		25		30		35		40		45		50	